



ARQUIVOS DA ARTE: ENTRE A SUBJETIVIDADE E A OBJETIVIDADE HISTÓRICAS

Vinicius Oliveira Godoy

UFRGS

A comunicação aqui proposta tem como objetivo genérico fazer uma reflexão sobre os arquivos da arte e sua relação com a história da arte no século XX. Examina-se as particularidades de tais arquivos, definindo e identificando alguns dos contextos em que se inserem, suas características e os papéis que desempenham. Tais contextos dos arquivos que ora se propõe são: (1) os arquivos dos artistas, (2) os arquivos da obra e (3) os arquivos do historiador da arte. A partir destes três contextos, sugere-se a identificação de um determinado ponto comum a partir do qual estes três contextos se articulam. A este ponto comum propõe-se chamar de aspectos internos (ou íntimos) do arquivo.

Sustenta-se a possibilidade de que tais arquivos internos sejam capazes de indicar tanto a validade do estudo dos arquivos para o exercício da historiografia da arte quanto ao mesmo tempo situarem-se em uma posição de resistência e questionamento da suposta objetividade que o arquivo parece carregar em sua trajetória como fonte para o historiador (sobretudo por parte da assim chamada historiografia “positivista”, com seu conhecido apetite por dados concretos, supostamente reveladores da verdade histórica da arte).

Rompendo com a lógica usualmente aceita sobre os arquivos, que os identifica e classifica apenas a partir de seus aspectos públicos e exteriores, parte-se aqui de seus aspectos internos, diferenciando-se



XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

daqueles (externos) por não apresentarem a usual materialidade de documentos visíveis e extrínsecos à obra. Sustenta-se aqui que tais arquivos têm origem a partir de uma estrutura interna, a qual adquire características específicas em cada um dos três contextos. No artista, tal estrutura diz respeito às escolhas artísticas a partir de um arquivo imaginário. Para o historiador, tais arquivos referem-se a uma narração subjetiva, íntima, da história da arte, a partir da construção (ou invenção) da própria estrutura desta narrativa. Por último, na obra, este arquivo interno corresponde aos aspectos intrínsecos à obra que a fazem ponto nodal de muitos arquivos, como arquivo de outros arquivos, e que portanto, apesar de sua interioridade, remetem a outras obras e aos outros dois lugares – o do artista e o do historiador - aqui apresentados. Ainda que originando-se internamente, estes aspectos não encerram-se em si mesmos, mas estabelecem relações entre seus diversos aspectos que os tornam dados pertinentes para a história da arte, como pretende-se indicar nesta comunicação.

Arquivos, história da arte, subjetividade.